



INCONSCIENTE E IDEOLOGIA NAS FORMULAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO CONFLITO

Carolina P. Fedatto¹

1. Introdução

Marx, 1848: “A luta de classes é o motor da história”. Freud, 1914: “A teoria do recalçamento é o pilar sobre o qual repousa o edifício da psicanálise”. Esses enunciados, sob a forma do aforismo, colocam o conflito como o ponto nodal das concepções de história e de sujeito admitidas (e transformadas) pela Análise do Discurso. O conflito de sentidos, subjetivo e político, se materializa em diversos aspectos da língua, mesmo quando aparenta não estar em jogo, o que leva à consideração de que o *real da língua é o impossível de tudo dizer* (Milner, 1978), tanto porque o equívoco é estruturante (não há controle absoluto sobre o sentido do dizer), quanto porque o sistema linguístico impõe suas condições (dizemos o que é possível dizer).

Afetada por essas máximas, esta comunicação pretende percorrer os ensaios de Freud sobre *A significação anti-tética das palavras primitivas* (1910) e sobre *A negação* (1925) à luz das elaborações críticas de Benveniste (1956) e de Hyppolite no seminário de Lacan (1954). Impelido pela concepção de sistema, Benveniste aponta a *relação de motivação*, não de causalidade, como estruturante da descoberta psicanalítica e assinala a estrutura do mito, da poesia e da negação como analogias importantes para a compreensão do funcionamento da linguagem na materialização do conflito psíquico. Hyppolite, por sua vez, explora a dissimetria entre afirmação e negação como espaço de suspensão, de resistência, de dissensão entre o intelectual e o afetivo. Essa divisão (na e pela língua) estaria na origem de todo juízo possível. Pela negação, o conflito seria elaborado como resistência a admitir, constituindo-se em um mito fundador da proposição.

Do ponto de vista discursivo, as formulações linguísticas do conflito (negação, oposição, disjunção, etc.) *re-velariam também o tecido das evidências subjetivas, o efeito ideológico elementar* nas palavras de Althusser reapropriadas por Pêcheux (1997, p. 153) como sendo a ilusão do sujeito causa de si e fonte do sentido. Tanto na Psicanálise quanto na teoria do discurso, *inconsciente e ideologia* não são vistos como conteúdos que ocultariam o verdadeiro sentido das coisas, mas como *estruturas-funcionamentos* que produzem sentidos pela dissimulação de sua existência (Pêcheux, 1997, p. 152). Nossa proposta é, pois, que a formulação linguística do conflito seja tomada como um lugar privilegiado para a observação da articulação material entre essas duas instâncias. Essa discussão conceitual pretende fazer avançar a compreensão discursiva da tensão entre inconsciente

¹ Doutora em Linguística pela Unicamp. Professora na UninCor e PUC-Minas. Agradeço à Fapemig pelo apoio a esta apresentação.

e ideologia na materialização linguística da contradição e do não-um por meio da análise de uma formulação negativa produzida em condições sócio-históricas específicas, da qual falaremos ao final.

2. O conflito na linguagem: alguns apontamentos sobre inconsciente e ideologia

No texto fundador da Psicanálise, *A interpretação dos sonhos*, nasce também para Freud uma questão central na investigação do funcionamento da linguagem: o estatuto da oposição (*Gegensatz*) e da contradição (*Widerspruch*). Freud está evidentemente interessado em explicar o funcionamento onírico, não linguístico. Mas sua descrição da oposição e da contradição no sonho se serve de reflexões linguísticas sobre a questão e projeta ideias importantes para o estudo da linguagem. Ele afirma que o “não” parece não existir para o sonho. Essa hipótese se baseia em duas observações: 1) a de que o sonho mostra uma preferência a *reunir contrários* em uma unidade, representando-os em uma única coisa; 2) a de que os sonhos *substituem* um elemento por seu oposto na ordem do desejo, de modo a fomentar, antes de tudo, a *indecisão* sobre seu caráter positivo ou negativo.² Qual seria então o papel das relações de linguagem na constituição e na manifestação dessa *indecisão*? Como o funcionamento linguístico da contradição pode contribuir para a reflexão sobre o conflito e sobre o papel da relação entre *inconsciente* e *ideologia* na constituição do sujeito e dos sentidos?

2.1. Freud com Benveniste

Em seu ensaio sobre *o sentido antitético das palavras primitivas*,³ Freud busca demonstrar um funcionamento aparentado entre o processo do sonho e a semântica das línguas antigas. Se o sonho aponta uma insensibilidade à contradição, parecendo ignorar o *não*, e as línguas arcaicas parecem, segundo os estudos de Carl Abel, designar com uma mesma expressão noções contrárias, haveria, então, algo em comum entre a reunião de opostos no sonho e nas línguas “originárias”. No entanto, Benveniste (1956/1995) vai mostrando em um artigo publicado na revista *La Psychanalyse* que não há homologia entre o funcionamento do sonho e os processos semânticos das línguas antigas por dois motivos.⁴ Primeiramente, porque é próprio ao funcionamento da linguagem, enquanto instituição coletiva, apresentar irregularidades e ilogismos que manifestam a dissimetria inerente ao signo linguístico, isto é, essa não-correspondência inicial entre um *significante* e um *significado* e,

² Esse é o mecanismo da *condensação* e do *deslocamento* que em Linguística foi teorizado por Saussure como relações *sintagmáticas* e *paradigmáticas/associativas* e por Jakobson como sendo os eixos *metonímico* e *metafórico*. Em Análise do Discurso podemos pensar uma analogia com os eixos da *formulação* e da *memória*. Lacan conceitualiza nessa mesma direção em termos de *sintoma* e *desejo*.

³ Freud tem contato com o ensaio “Über den Gegensinn der Urworte” do filólogo alemão Carl Abel (1885), que o inspira a redigir este texto de 1910.

⁴ Émile Benveniste (1956/1995), pesquisador arguto e atento às concepções tanto da gramática comparada do século XIX quanto da moderna linguística, observa uma série de incongruências na tese de Abel, assumida um pouco apressadamente por Freud talvez em nome de seu desejo constante de recorrer às origens (da arte, da religião, da sociedade, da linguagem) para explicar o ‘primitivo’ no homem. O fato é que as buscas pelas estruturas comuns à linguagem coletiva e ao psiquismo individual levam Freud a dar crédito absoluto às especulações etimológicas de Abel.

posteriormente, entre o *signo* – que tornou necessário o vínculo entre determinado significante e um dado significado – e a *realidade* (Benveniste, 1939/1995). Ao mesmo tempo, a língua é também um sistema que obedece a alguma formalização, o que pode ser explicado pelo fato de que o trabalho no interior da língua não opera ao acaso, mas por relações necessárias ou não no interior daquele sistema – lembremos: *relativamente autônomo* (Paul Henry *apud* Pêcheux, 1997, p. 91).

Em segundo lugar, porque a língua organiza o real, configurando, assim, cada língua, mundos diversos. Mas as distinções que uma língua manifesta devem ser relacionadas ao funcionamento particular que as sustenta e não a um juízo universal. Nesse sentido, as línguas arcaicas não seriam nem mais nem menos singulares que as nossas. É conceitualmente improvável, portanto, que as línguas, mesmo que antigas, escapem ao *princípio da contradição*, (como Freud postula em relação ao sonho, já que o material onírico reúne frequentemente noções contrárias num mesmo elemento), designando com uma mesma expressão duas noções opostas. Para Benveniste (1956/1995, p. 89), mais importante do que procurar nas origens (míticas) da linguagem, o que poderia, e de fato fez, avançar a reflexão freudiana seria perguntar ao *mito* e à *poesia* pelos motivos da indeterminação de sentido projetada pelas formações do inconsciente.

O artigo de Benveniste (1956/1995) apresenta ainda outras observações interessantes sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. Em relação ao método psicanalítico, ele mostra a importância heurística da *relação de motivação*, em lugar da de *causalidade*, na singularidade interpretação analítica. Os acontecimentos empíricos têm realidade para o analista apenas *no* e *pelo* discurso do sujeito que os formulam. Ao analista interessa desvendar *motivações* específicas, não comprovar a verdade dos acontecimentos. A técnica psicanalítica faz, pois, da linguagem seu instrumento: é a *biografia verbalizada* e, assim, *assumida por aquele que fala de si mesmo*, que se torna o campo da ação analítica (*idem*, p. 82 – 83). O universo da palavra é o universo da subjetividade, pois ao mesmo tempo que “o sujeito se serve do *discurso* para ‘representar-se’ a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o ‘outro’ a comprovar”, a língua se mostra uma *estrutura socializada*: algo de singular é materializado por meio da língua e, ao mesmo tempo, ela é um *sistema comum a todos*, já que a estrutura linguística não se improvisa (*idem*, p. 84).

Em relação às formulações do conflito, há, para o sujeito, *antinomia*, desencontro, entre seu discurso e a língua. Para o analista, no entanto, esse paradoxo aparece em outro plano: se o conteúdo do discurso testemunha a representação que o sujeito se faz de si, do outro, do mundo, o analista deve procurar aí como se produz o sentido: no caso da psicanálise, o da *motivação recalcada inconsciente* (Freud), no caso da Análise do Discurso, o da *textualização do político* (Courtine, 1986). Nas palavras de Benveniste (1956/1995, p. 84), o discurso do sujeito é *apelo* e *recurso*. “Aquele que fala de si instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura (...) e finalmente se historiciza nessa história incompleta”. O analista deve, portanto, estar atento ao *conteúdo do discurso*; mas não menos, e sobretudo, às *rupturas do discurso*.

2.2. Freud com Hyppolite com Pêcheux

Admitimos, então, que não há simetria entre a ordem da língua e as manifestações linguísticas do inconsciente e da ideologia. E Freud também se encaminha nessa direção em seu artigo sobre a denegação. Segundo ele, a negação é uma forma de *tomar conhecimento* do reprimido, é uma espécie de suspensão da repressão, mas não uma *aceitação* do reprimido (1925/2011, p. 277). Pela negação, a *função intelectual* se separa do *processo afetivo*: anula-se o fato de a ideia reprimida ser inconsciente, ela aparece na fala do sujeito, mas não deixa de ser recusada.

Para introduzir a função da negação, um modo de apresentar aquilo que é sob a forma do não ser, Freud emprega uma palavra: *Aufhebung*, que é também a palavra dialética de Hegel, enfatizada e comentada por J. Hyppolite (1954/1999, p. 529). Derivado do verbo alemão *aufheben*, este substantivo significa ao mesmo tempo negar, suprimir, conservar e elevar, alçar, suspender, substituir.⁵ *Suspensão* seria, então, uma boa tradução para a afirmação freudiana: a denegação é uma *aufhebung* do recalçamento, mas não por isso uma aceitação do recalçado.

Considerando a relação material entre inconsciente e ideologia, seriam também os mecanismos linguísticos que formulam o conflito uma *suspensão* do direcionamento de sentidos operado pela ideologia? Estariam os sentidos mais soltos, mais confusos, menos certos, mais desorientados nas formulações do conflito? Freud mostra que na denegação o intelectual promove uma espécie de *suspensão* do conteúdo que causa desprazer. Será que a forma negativa atuaria de maneira análoga em relação à ideologia, deixando entrever um direcionamento outro para os sentidos em questão?

Em termos psicanalíticos, Hyppolite (1999, p. 530) afirma que a essa *suspensão* não deixa de convir a ideia de *sublimação*, já que nasce daí, miticamente, a razão como tal; mas não antes que seu conteúdo tenha sido afetado por uma negação. Trata-se de substituir “o apetite de destruição que se apodera do desejo”, a *negação ideal* como resultado da luta primordial que resultaria no extermínio dos dois lados combatentes, pela *negatividade verdadeira*, possível, que deixa rastros. O pensamento viria, então, como um dos destinos da pulsão: não como um apagamento do objeto negado, mas como uma resposta que satisfaz tanto as exigências subjetivas quanto históricas. De nosso ponto de vista, esse dualismo psíquico do juízo decorre também de uma propriedade da formulação linguística o engendra:

A característica de negação linguística é que ela pode anular apenas o que é enunciado, que deve apresentá-lo explicitamente para suprimi-lo, e que um julgamento de não-existência tem necessariamente também o *status* formal de um

⁵ “Essa ambiguidade no uso da língua, segundo a qual a mesma palavra tem uma significação negativa e uma significação positiva, não se pode considerar como contingente, nem se pode absolutamente fazer à linguagem a censura de dar azo à confusão; mas tem-se de reconhecer aí o espírito especulativo de nossa língua, que vai além do simples ou/ou do entendimento.” (HEGEL, 1995, p. 194)

juízo de existência. Assim, a negação é em primeiro lugar admissão.
 (BENVENISTE, 1995, p. 91)

O funcionamento linguístico da negação, conforme descrito por Benveniste, se mostra, pois, análogo à *recusa de admissão* que acontece no *recalque*. Se a forma negativa permite, do ponto de vista intelectual, “um primeiro grau de independência dos resultados da repressão” (FREUD, 1925/2011, p. 281), ela expõe, no mesmo movimento, sua força afetiva, a preponderância de sua determinação, seu rastro. O que se nega é, pois, constitutivo do conteúdo negado, que subsiste como uma aversão à identificação, mas sobre o qual o sujeito não exerce mais nenhum domínio. O sujeito pode (se) contradizer, mas não pode suprimir uma qualidade fundamental da linguagem: algo sempre corresponde àquilo que se enuncia – “algo e não o *nada*” (Benveniste, 1995, p. 92).

3. Uma consideração final: efeitos da negação no inconsciente e na ideologia

Às voltas com as formulações linguísticas do conflito e suas consequências para a compreensão da articulação entre inconsciente e ideologia, volto, como num eterno retorno, a um enunciado que me foi confiado por Erinaldo, um pedreiro e migrante nordestino com quem conversei quando me iniciava na vida científica (Fedatto, 2003). Naquele momento, pretendia compreender o sentido da migração em relação à necessidade político-social de pertencer a um lugar. Como a vinda significaria a vida? Fui então entrevistar migrantes nas construções civis das cidades onde morava e recebi de presente muitas afirmações contraditórias, muitas respostas desencontradas em relação às perguntas que fazia, desvios, disjunções, negações, oposições. Uma delas continua produzindo seus ecos analíticos:

C – *E a família, tem família lá?*
 E – *A família tá aqui.*
 C – *Ah, tá aqui, você trouxe junto, a mulher, filho...*
 E – *Trouxe mulher, filho, tá comigo.*
 C – *Então é porque foi bom vim pra cá mesmo?*
 E – *Beleza, gostei muito de vim pra cá.*
 C – *E você não pensa em voltar?*
 E – *Por enquanto não.*
 C – *Mas você tem algum amigo que já voltou, que desistiu?*
 E – *Já, ih, tem uns quatro, cinco aí que já veio e voltou já.*
 C – *Por quê? Não aguenta viver aqui?*
 E – *É que não dá, né, vive em função da família também, quer ficar do lado de lá e volta mesmo. Eu estou com a família aí também e às vezes nem lembro muito de lá.*

Que sentidos esse enunciado produz: *e às vezes nem lembro muito de lá?*

‘E’ é uma conjunção aditiva com valor de explicação, a locução ‘às vezes’ modaliza a quantidade de tempo da ação verbal, o verbo ‘lembrar’ é modalizado uma segunda vez pelo par negativo ‘nem muito’ e complementado por um ‘de lá’ indicativo de lugar.



A lógica nos ensina que a dupla negação resulta numa afirmação. *Às vezes eu nem lembro muito de lá é lembrar-se sempre de lá?* Freud afirma que a negativa deve ser escutada como uma afirmação que deseja encobrir o que não deve aparecer. A afirmação pela negativa é também tratada pela retórica por meio da figura da *lítótes* ou simplicidade, gênero da cautela, da atenuação, da sugestão, do pouco que diz muito. Erinaldo se lembra muito de lá fazendo de tudo para lembrar pouco. E o *não lembrar* já está fora de questão! Essa seria a constituição *inconsciente* dessa formulação negativa. A negação suspende o que deve ser esquecido, fazendo-o aparecer. E o que poderíamos dizer em relação à *ideologia*?

Esse enunciado é também bastante paradigmático do conflito instaurado pela migração. E esse conflito se causa em diversas ordens. É nele que uma posição-sujeito se constitui, já que em nossa sociedade a cidade natal é importante na construção dos laços sociais, sendo identificada ao momento mesmo em que o sujeito entra no jogo do pertencimento a um lugar. Por outro lado, a historicidade dessa posição-sujeito se dá por meio de uma disputa por significação para a pergunta: *quem sou eu?* O lugar de onde viemos determina a imagem da língua que falamos, dos nossos costumes e modos de vida. Determina, de fora, quem podemos ser e delimita sentidos para aquilo que seremos. *E às vezes nem lembrar muito de lá é tentar esquecer a unicidade da direção que a ideologia atribuiu à definição de si e de um lugar para si.* Seria então a negação uma *suspensão da ideologia dominante* que vincula os sujeitos a um único espaço de referência? Uma forma, por isso, de resistir aos seus direcionamentos pré-determinados? Nossa compreensão é que a negação abre espaço para outro caminho de significação, o caminho de um *eu* que está no *entre-lugar*, no *lá* e no *cá*, em trânsito. E que marca isso com seu dizer.

Referências

- ABEL, Carl. Über den Gegensinn der Urworte. In: *Sprachwissenschaftliche Abhandlungen*. Leipzig, 1885, 313 - 367.
- BENVENISTE, Émile. (1939) Natureza do signo linguístico. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1995.
- BENVENISTE, Émile. (1956) Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1995.
- COURTINE, Jean-Jacques. Chroniques de l'oubli ordinaire. *Sédiments*, nº 01. Montréal, 1986.
- FEDATTO, Carolina. O que é migrar? Ser de um lugar? Inédito, 2003.
- FREUD, Sigmund. (1900) A interpretação dos sonhos. Cap. VI O trabalho do sonho. Vol. IV, 37 p.
- FREUD, Sigmund. (1910) Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. *Obras completas vol. 9*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2013, p. 302 - 312.
- FREUD, Sigmund. (1925) A negação. *Obras completas vol. 16*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011, p. 275 – 282.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

HEGEL, G. W. Friedrich. (1830) *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio*. Vol. I A ciência da lógica. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 1995.

HYPPOLITE, Jean. (1954) Commentaire parlé sur la *Verneinung* de Freud. In: LACAN, Jacques. *Écrits I*. Paris: Seuil, 1999, p. 527 – 537.

PÊCHEUX, Michel. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi *et al.* Campinas: Ed. Unicamp, 1997.